

A vida nervosa na pós-graduação: o tempo e o trabalho.

Christine Sodré Fortes.

Cita:

Christine Sodré Fortes (2019). *A vida nervosa na pós-graduação: o tempo e o trabalho*. XXXII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Lima.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-030/1840>



A vida nervosa na pós-graduação: o tempo e o trabalho

Christine Sodré Fortes

Resumo

Este estudo se propõe a analisar a relação entre o trabalho de alunos dos programas de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Campus Florianópolis e os possíveis adoecimentos resultantes. Buscará conhecer e compreender as diversas atividades e processos desenvolvidos para a produção de conhecimento, assim como os seus obstáculos e enfrentamentos. Parte-se da hipótese de que a intensificação do trabalho, fruto das mudanças no mundo do trabalho, da percepção do tempo no trabalho por projetos e das altas demandas por produtividade no campo acadêmico, tende a promover e potencializar condições associadas ao sofrimento mental, associado a precarização subjetiva ou flexibilização positiva. Para que o objetivo fosse alcançado foi desenvolvida pesquisa bibliográfica e trabalho de campo, com a realização de entrevistas com sujeitos selecionados a partir de registros documentais. O trabalho apresenta dados que permitem presumir uma associação entre a organização do trabalho acadêmico e o sofrimento mental no grupo estudado.

Palavras-chave

Intensificação do trabalho. Adoecimento. Trabalho discente na pós-graduação.

Introdução

O presente estudo¹ procura refletir sobre relações entre educação, produção acadêmica e tempo de trabalho as quais vem assumindo um papel significativo nos debates atuais sobre a pós-graduação no Brasil. Argumenta-se que o nível de exigências crescentes nos últimos anos tem demandado a adesão a um modelo de alta produtividade que pode estar relacionado com o aumento de adoecimentos e sofrimento mental nesse ambiente acadêmico de ensino superior (Bernardo, 2014; Louzada, 2005; Malagris E Suassuna, 2009). As ocorrências, inclusive de casos dramáticos, justificam por si mesmas a motivação para debruçar-se sobre esse tema e investigar como estudantes estão percebendo sua relação com a pós-graduação. Para realizar o presente estudo escolhemos abordar mestrandos e doutorandos dos programas de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, localizada na cidade de Florianópolis, Santa Catarina.

O fenômeno da exigência por alta produtividade, adesão a uma nova ideologia de trabalho, a demanda por flexibilidade e por um perfil empreendedor que caracteriza hoje o mundo do trabalho (Linhart, 2013; Rosenfield, 2011; Sennett, 1999) penetra também a esfera das relações no âmbito das instituições voltadas para a educação. Essa condição



contemporânea requer compreender quais são os possíveis desafios postos particularmente às pós-graduações, onde os níveis de competitividade, exigências por produtividade, iniciativa e autonomia são muito elevados.

Nesse sentido, objetiva-se a investigação do trabalho entre os pós-graduandos da UFSC sob o prisma do tempo objetivo dos relógios e calendários, e o tempo subjetivo das experiências acumuladas e antecipadas, considerando que as transformações no mundo do trabalho guardam uma relação próxima com o uso e a percepção do tempo. Além dos fatores citados, os pós-graduandos possuem um tempo predeterminado para a conclusão de uma série de atividades, de modo que a análise da categoria tempo constitui um elemento privilegiado para estudar o mundo acadêmico.

O trabalho e o tempo são marcas básicas da existência humana, que vem se alterando, segundo vários autores (Harvey, 1993; Rosenfield, 2011;

Sennett, 1999). Um exemplo dessa mudança são os indivíduos que trabalham por projetos, afastados das características tradicionais do trabalho na era industrial (Boltanski e Chiapello, 2009). Não há como ignorar os impactos que a tecnologia provocou nas empresas e no dia-a-dia de todos nós.

A transformação ocorrida no sistema capitalista é, segundo Harvey (1993), responsável por essas alterações, que envolvem o tempo e o espaço em que o trabalho se desenvolve. Os avanços da área de Tecnologia de Informação, por exemplo, trouxeram a possibilidade de estender o tempo de trabalho e ampliar o lugar em que é possível trabalhar (Rosenfield, 2011). Agora, o trabalho pode ser feito nas 24 horas de todos os dias da semana, desde qualquer lugar, invadindo o espaço do indivíduo, desconstruindo seu sistema de defesa e a de regulação da intimidade.

Dessa forma, o poder envolvido na produção dos saberes é exercido sobre todo o tempo dos pós-graduandos, o prescrito e o real.

A pós-graduação, o trabalho presente e futuro

A tecnologia, as características demográficas e as preocupações ecológicas, têm trazido novas demandas para o mundo do trabalho. As capacidades e práticas de hoje podem se tornar rapidamente desatualizadas e não se encaixarem nos empregos de amanhã. Esse cenário domina o horizonte dos alunos da pós-graduação e pode estar conectado a sentidos de trabalho contaminados por incerteza, insegurança, desconfiança e ceticismo. Esse é um debate que impõe a necessidade do desenvolvimento de estratégias em prol



de sociedades ativas, baseadas no cuidado, de modo a fortalecer o tecido social (OIT, 2019).

Nesse sentido, as universidades e seus programas de graduação e pós-graduação são requeridos a desenvolver habilidades e soluções aderidas ao presente, cada vez mais provisório e mutável, desde a formação dos estudantes e pesquisadores.

O trabalho presente prescrito e o real - Avaliação e produtivismo

Durante um Congresso de Saúde Pública ocorrido na Fundação Osvaldo Cruz, em 2018, no Rio de Janeiro, aconteceu um debate sobre o tema “*Avaliação da pós-graduação em saúde coletiva: que caminho seguir?*” Nessa oportunidade, vários estudiosos teceram reflexões úteis para nossa pesquisa. A professora Rita Barradas Barata levantou questões sobre a qualidade na formação dos pós-graduandos, assim como no trabalho mecânico de publicação, desenvolvido pelos recém titulados. Kenneth Camargo Jr., argumentou que os cientistas precisariam reduzir a ênfase no modelo de competição e atuar de forma mais colaborativa e solidária. Promover o valor científico e mostrar a sua importância para a sociedade a quem o conhecimento se destina. Manoel Barral comentou sobre a necessidade de repensar a formação do cientista para que ele promova a articulação entre a ciência e a sociedade. Maurício Barreto, por sua vez, comentou a necessidade de distinguir e valorizar os diferentes perfis de professor, pesquisador, profissional, etc. (Campus Virtual Fiocruz, 2018).

O peso atribuído à produtividade em pesquisa, em detrimento de outras áreas de produção acadêmica na avaliação dos programas de pós-graduação das universidades no Brasil têm sido alvo de discussões em outros fóruns e na literatura (Vogel, 2015; Zuin e Bianchetti, 2015) Alega-se, por exemplo, a importância de fortalecer a extensão e seus impactos sobre a sociedade, dando-lhe um peso igual aos de publicação e formação (Patrus et. al., 2018). Os critérios de avaliação da produtividade estão sempre em foco, haja vista as indecisões sobre as próprias medidas de avaliação na pesquisa pelas publicações (Sistema Qualis ²) e a incerteza sobre as próprias medidas de avaliação dos cursos de pós-graduação no país.

Voltaremos mais adiante no texto a essa discussão sobre avaliação na pós-graduação, por ser um critério fundamental para determinar qual o modelo de reconhecimento esperado para os integrantes desse lugar social.



Trabalho presente prescrito e o real: Reconhecimento

O reconhecimento como pendão do personalismo assume normas de fora como se fossem suas, onde tanto as atitudes e práticas quanto as outras pessoas e o mundo circundante são tratados como objetos, necessários a um reconhecimento distorcido, a reificação.

“A reificação consiste no “esquecimento” ou na deflexão do próprio reconhecimento” (Honneth, Reificação, p. 135). O argumento desse autor é que nessa condição de reificação se sente vergonha por não corresponder às expectativas e a pessoa compara-se a quem ela poderia ser em relação a quem se é. A negociação não se dá com o outro, mas consigo mesmo.

Trata-se de uma perspectiva de análise fecunda para compreender o processo que nos instiga. Assim, entendemos que o trabalho alienado surge a partir do momento em que o pós-graduando passa a ser compreendido (por si e também pelo outro) como parte da linha de produção, afastando-se do engajamento, cuidado e afeto como expressões da importância existencial de si e de sua pesquisa.

Nesse sentido, a situação parece distante dessa orientação em prol das estratégias que viessem a colaborar com a ideia da OIT (2019) acima referida, i.e., a da sociedade ativa. Tanto na situação atual enquanto estudantes, quanto nas projeções sobre seus possíveis futuros, eles tenderão provavelmente a encontrar-se isolados e bastante vulneráveis por causa da força dessa tendência à reificação, que parece impor-se nos mesmos moldes dessa, que em estudos sobre o mundo do trabalho poderíamos chamar de nova ideologia do trabalho (flexibilização, empreendedorismo, individualismo, adesão à lógica da vida laboral por projetos, alta produtividade como lógica de identificação e reconhecimento (Boltanski e Chiapello, 2009; Harvey, 1993; Rosenfield, 2011; Sennett, 1999).

O tempo

Conforme nos conta Thompson (2017), a partir do século XIV o tempo passou a ser percebido de modo diferenciado no mundo ocidental, quando o que marcaria sua passagem deixou de ser o canto do galo, a luz do sol e a sucessão de atividades, para ser o tempo do relógio. Relógios de igrejas e relógios públicos foram construídos e sua distribuição expandiu-se nos séculos seguintes. Sua exatidão, no entanto, só foi possível com o uso do pêndulo no século XVII, quando também começaram a ser fabricados os relógios portáteis.

Esses objetos, no século XVIII, eram usados não mais do que por mestres, fazendeiros e comerciantes. Em plena revolução industrial, que exigia maior sincronização do trabalho,



o relógio portátil ainda era para poucos e sua aquisição costumava acompanhar melhorias no padrão de vida.

No século XIX as mudanças técnicas da manufatura passaram a exigir uma sincronização maior do tempo de trabalho, em detrimento de ritmos irregulares de trabalho. E gradativamente impôs-se uma nova disciplina do tempo. “*Pois não existe desenvolvimento econômico que não seja ao mesmo tempo desenvolvimento ou mudança de uma cultura*” (Thompson, 2017, p. 304).

O tempo 24/7

Crary (2016, p. 18) discorre sobre a “*vida humana na duração sem descanso, definida por um princípio de funcionamento contínuo. É um tempo que não passa mais, apartado do relógio*”. No século XXI o trabalho não precisa de pausa ou limite, e o sono é considerado perda de tempo útil.

Boltanski e Chiapello (2009) enfatizam a valorização da atividade intermitente, em relação ao emprego de tempo integral. “*Mexer-se, mudar são coisas valorizadas em relação à estabilidade, frequentemente caracterizada como sinônimo de inação.*” (p. 193). A flexibilidade de administrar o tempo livremente e de subverter a ordem na execução das atividades, sem a necessidade de dar explicações, é vista como uma vantagem.

Rosenfield (2011) constatou o estresse e a sobrecarga psíquica, em meio à busca pela melhor *performance*, entre trabalhadores altamente qualificados na área de Tecnologias Informacionais, onde os limites entre trabalho e vida familiar são tênues, e o horário de trabalho é o do término dos projetos, que nunca podem cessar. Essa autora se apoia em Boltanski e Chiapello (2009) com seu modelo de cidade por projetos e da justificação de um contexto de fragilização e precariedade (aumento de carga de trabalho, níveis elevados de exigência, insegurança).

A pós-graduação

Mesmo os mais bem qualificados profissionais têm dificuldades para encontrar um emprego no país. Por isso, não é exagero afirmar que o Brasil está formando mestres e doutores para o desemprego. Os números demonstram isso friamente: enquanto no mundo a taxa de desocupação desse grupo gira em torno de 2%, por aqui, a média é de 25%. Os mestres estão em situação ainda pior: 35% fora do mercado de trabalho (SOARES, 2019). Arendt (2010) compreende por *vita activa* o conjunto das três atividades humanas – Trabalho, Obra e Ação. O Trabalho é realizado no intuito de manter a vida, individual e como espécie, destinado ao consumo, a saciar as necessidades do viver em si, o *animal laborans* – antipolítico. A Obra está ligada à transformação do mundo natural em um mundo



de coisas: *“A obra e seu produto, o artefato humano, conferem uma medida de permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao caráter efêmero do tempo humano”* (Arendt, 2010, p. 10). Isto é, diz respeito ao legado artificial, pela fabricação de coisas, com o propósito de uso, o *homo faber* – apolítico. A Ação responde à condição humana da pluralidade, na qual os indivíduos buscam articular suas singularidades e confirmam a sua presença única no mundo, no conjunto da sociedade, através da mediação do discurso e da fala no mundo - política: *“A ação, na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos, cria a condição para a lembrança (remembrance), ou seja para a história.”* (ARENDR, 2010, p. 10). A autora considera a Ação a atividade mais nobre da *vita activa*: *“Agir, em seu sentido mais geral, significa tomar uma iniciativa, começar, como indica a palavra grega arkhein; ou colocar algo em movimento.”* (ARENDR, 2010, p. 10)

As pós-graduações das universidades brasileiras, entre as quais as da UFSC, seriam lugares privilegiados para a realização da Ação, definida por Arendt (2010). Porém, nesta fábrica de ideias, obram os trabalhadores do pensamento.

Camargo Jr (2015) descreve o “efeito Mateus” na ciência, e que também pode ser aplicado à distribuição de recursos para a pós-graduação, caracterizado pela maior concessão de recursos e reconhecimento para os programas com melhores índices de avaliação, em geral, os que já tem mais. Daí a referência ao efeito Mateus de Merton (Camargo JR., 2015, apud Merton, 1968), cuja origem é um texto bíblico (Mateus 13:12, *“Ao que tem, se lhe dará e terá em abundância, mas ao que não tem será tirado até mesmo o que tem”*).

A mesma lógica tem sido aplicada à publicação científica. Como os recursos são escassos, as iniciativas de fomento aos periódicos nacionais não consideram que cada vez mais recursos são transferidos para cada vez menos periódicos, sendo que a divulgação da ciência necessita de um número mais abrangente e democrático (Camargo JR., 2015). Esse quadro se reflete na qualidade da pós-graduação, marcada por desigualdades regionais.

Uma outra questão que se impõe, como já foi brevemente discorrido anteriormente, é o modelo de avaliação atual dos programas de pós-graduação, realizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), órgão do Ministério da Educação (MEC), por meio do qual as universidades são pontuadas, inclusive com impacto sobre o financiamento concedido para pesquisas. Essa avaliação é principalmente quantitativa, abrangendo a produção intelectual de docentes e discentes que representam juntos 50% da nota do programa; a quantidade de publicações em periódicos qualificados



no *Sistema Qualis*, que corresponde a 40% da nota do programa. Também é mensurado o equilíbrio produtivo entre os docentes, o que pode ocasionar aumento de competitividade entre pares, no lugar de cooperação. Muitos fatores qualitativos ainda não são incluídos nos critérios adotados e o modelo de avaliação adotado gera controvérsias (Vogel, 2015).

O sistema de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), implantado em 1976, surgiu com o intuito de estabelecer o padrão de qualidade exigido dos cursos de mestrado e doutorado no Brasil. Focava originalmente a *formação* de quadros de professores e pesquisadores para as universidades brasileiras. A partir de 1988 houve uma mudança de prioridade, da *formação* para a *avaliação*, com expressiva valorização da pesquisa e da publicação científica. As atividades de extensão, ensino e cooperação, por exemplo, foram negligenciadas no processo de avaliação do professor e dos programas de pós-graduação *stricto sensu* (Patrus et. al., 2018).

Esse modelo pode estar contribuindo para o aumento da sobrecarga mental entre professores e discentes. Dejours (1987) alerta que a doença mental no trabalho ocorre no afrontamento do homem com sua tarefa.

A onda neoliberal no serviço público se instaurou no país durante a década de 1990. Por essa razão, autores afirmam que passa a vigorar uma preocupação com a competição e qualificação dos profissionais como forma de alavancar um desenvolvimento de qualidade para o país. Nesse sentido, se implementou o sistema Qualis, para avaliar a qualidade da produção científica da pós-graduação, com grande pressão voltada para a produção e publicação de artigos, por docentes e discentes. Trata-se, para alguns críticos, de “produtivismo”, denominação com características negativas de um processo no qual a tendência é a quantidade prevalecer sobre a qualidade (Zuin e Bianchetti, 2015).

Apesar da CAPES ter contribuído para o desenvolvimento e a consolidação da pós-graduação, por ter alavancado o país no ranking dos países produtores de ciência (Bianchetti e Valle, 2014), esse modelo atual de avaliação e distribuição de recursos expõe fraturas nos programas de pós-graduação.

Linhart (2013) denomina “*precariedade subjetiva*” ao sofrimento dos trabalhadores que ocupam posições privilegiadas de trabalho e vivenciam isolamento, pressão por resultados e incerteza quanto ao futuro. O autor destaca que este sentimento tem sido associado a transtornos mentais.



O sofrimento mental na pós-graduação

Entre os estressores do grupo a ser estudado encontram-se: competitividade, cumprimento de prazos, sobrecarga de atividades, preocupação com o tempo médio de titulação, incertezas sobre o futuro profissional, número de disciplinas, relacionamento com o orientador, condução do projeto de pesquisa, cobrança de produtividade (principalmente publicações), dificuldade para obter bolsa ou financiamento (Bernardo, 2014; Louzada, 2005). Em um estudo realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Malagris e Suassuna (2009) verificaram que 58,6% (82) dos pós graduandos entrevistados estavam estressados.

A Agência Europeia para a Segurança e Saúde no Trabalho – EE-OSHA (2014, p. 5) afirma que *“o estresse relacionado com o trabalho faz-se sentir quando as exigências colocadas pelo ambiente de trabalho excedem a capacidade dos trabalhadores para as suportarem (ou controlarem)”*.

A reconfiguração do universo do trabalho, através dos imperativos de flexibilização e desempenho, em que absorve-se o risco, a instabilidade e a indeterminação, produz um saldo patológico. Esta promessa de expressão de si é baseada em uma forma de espoliação. E a depressão é uma forma de sustentar uma situação que não pode ser realizada. (Safatle, 2015)

O saber e o poder

A ciência atua, muitas vezes, através do seu saber legítimo, como justificativa para o exercício do poder. A relação entre a medicina e o capitalismo fica evidenciada, quando algumas doenças, como a depressão e outros transtornos mentais, que surgiram ou tiveram suas taxas aumentadas em virtude da razão neoliberal, foram individualizadas e dissociadas da questão social.

Bourdieu (2004) apresenta a noção de campo como um espaço social, no qual os agentes estão inseridos, e buscam alcançar recursos, através do acúmulo de capitais específicos que lhes proporcionem poder. Para Bourdieu, capital é definido como bens econômicos, e de valores culturais, sociais, simbólicos, científicos, entre outros.

O campo científico por sua vez, possui seu próprio capital, que é *“uma espécie particular de capital simbólico que consiste no reconhecimento atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico”* (Bourdieu, 2004, p. 26). Segundo o autor, esse tipo específico de capital pode assumir diferentes formas, como o número de citações por um determinado trabalho, sinais de reconhecimento e consagração, como prêmios



científicos nacionais ou internacionais, traduções de livros para língua estrangeira, entre outros. (Bourdieu, 2004).

Nota-se que na análise do campo social, sugerida por Bourdieu, existe o permanente conflito de interesses, pois os agentes que detêm o capital buscam manter suas posições de agentes dominantes, enquanto os agentes dominados visam alterar a ordem e deter o capital em questão.

Metodologia

Para esta pesquisa foi adotada a abordagem qualitativa com caráter descritivo. Foram empregados, como métodos, a pesquisa bibliográfica e a utilização de entrevistas.

Foram realizadas 20 entrevistas no total, sendo nove homens e onze mulheres. Quatorze mestrandos e seis doutorandos.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas.

O término das entrevistas foi determinado quando se avaliou que, com o material obtido, seria possível identificar padrões que permitissem compreender, analisar e descrever referenciais encontrados na literatura.

O instrumento de coleta utilizado foi o caderno de anotações, porque a gravação apresentou ruído que dificultava a transcrição, uma vez que as entrevistas foram realizadas em ambientes ruidosos.

A entrevista semiestruturada incluiu em seu roteiro: gênero; idade; raça/etnia; situação de moradia; uso do restaurante universitário (RU); centro de ensino do programa de pós-graduação (PPG) na UFSC; tipo da pós-graduação: mestrado ou doutorado; horas de dedicação ao PPG; relação com orientador; bolsa; motivação para cursar a pós-graduação; perspectivas futuras e sintomas relativos à ansiedade e/ou depressão.

Para não ferir a confidencialidade dos entrevistados, adotei o critério de classificação, utilizando a letra M e D para mestrando e doutorando, respectivamente, seguidas das letras H para o sexo masculino, e F para o sexo feminino (não houve a ocorrência de outros gêneros), e um número de 1 a 20.

Para a elaboração dessas categorias e de seus subitens foi utilizado, como referencial teórico, Laurence Bardin (Bardin, 1977), a partir de uma relação entre a pesquisa documental e as informações coletadas nas entrevistas.



A fase do tratamento dos resultados obtidos reuniu o material coletado, que foi confrontado com o material bibliográfico, previamente selecionado, e a outros, relacionados a assuntos que surgiram a partir das fases de pré-análise e análise, tornando possível novas reflexões sobre o tema abordado.

As regras adotadas procuraram, enfim, tornar os dados válidos e significativos, por meio de uma análise teórica e prática.

Resultados e discussões

Com base nas trajetórias biográficas e sociais, os relatos dos pós-graduandos foram analisados, em suas relações com os programas de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o sofrimento mental vivenciado.

Dos vinte entrevistados nove são homens e onze mulheres, dezenove brancos e 1 negro, com idade entre 23 e 33 anos, com uma média de 25 anos. Uma mestrandia tem uma filha.

Dezesseis recebem bolsa, sendo que cinco destes complementam a renda com trabalhos informais, relacionados à docência. Dezesete almoçam e/ou jantam no restaurante universitário, o que aponta para a importância das políticas de permanência nas universidades.

Dezesete discentes sentem-se tensos, nervosos ou preocupados e têm algum sofrimento na pós-graduação. *“Sofro porque sinto estar sempre atrasada, porque tenho que terminar minha dissertação. O meu orientador tem um cronograma diferente do meu, ele é mais slow”* (MF8); *“Tive que prorrogar meu mestrado. Não tive tempo de realizar o trabalho no período. Problema com o laboratório. O equipamento estava com problema. O trabalho foi aquém do que eu queria por causa disso, mas fiz o que precisava para terminar.”* (MH6)

Quanto ao tempo dedicado à pós-graduação, dezesseite se dedicam mais de seis horas, sendo que oito trabalham mais de oito horas. *“Chego 8 horas da manhã e saio do laboratório às 8 h da noite, ou mais.”* (MH6); *“Mais de 8 horas, até no final de semana”* (MF3). Quando a carga horária é menor, ocorre frequentemente a culpa, confirmando a afirmação de Cray (2016) sobre o sono ser desnecessário na sociedade 24/7. *“Seis horas. Acho que devia me dedicar mais”* (MF7).

A pressão na pós-graduação também é sentida considerando o formato quantitativo de avaliação. *“Sempre há ameaça, tudo é para eles, para melhorar a nota do programa e ser 7”* (MH4); *“Eu me sinto mal por não publicar. Tempo é uma pressão. Depois das disciplinas*



“você tem que parar uma pesquisa, o que há de qualidade e o que não há?”(MF6); Meu programa é seis e quer aumentar pra sete.”(MF4).

A relação com o orientador e o distanciamento do pós-graduando de seu objeto de pesquisa também pode ser observado. *“Ele estava disponível às vezes, mas com uma falsa disponibilidade. Dava um norte que eu podia fazer sozinho. Eles acham que a ajuda é tecnológica, mas eles podiam ajudar também na parte pessoal. Porque o mestrado é difícil, faz sofrer” (MH8); “A orientadora achou que o tema não era tão relevante. Precisei mudar todo o projeto” (MF4).*

As perspectivas futuras são cheias de incertezas. *“Sim, mas sei que não é fácil. Para poder ser pesquisadora, professora universitária. Meu doutorado não ajudaria a sair do mundo acadêmico” (MF7); “Não tenho nada que eu queira descobrir, mas gostaria de ser professora e para isso preciso do doutorado, mas depois de um tempo. Se o meu curso acabasse em março não saberia o que fazer” (MF8). “A pós complica mais do que ajuda. Tenho um amigo que é biólogo e depois de um ano virou bancário. A pós deveria se preocupar menos com a produção – publicação, e ver mais as necessidades da sociedade. Seria outro cenário, em termos de empregos, investimentos”. (MH7).*

Esta pesquisa está em andamento, mas já é possível identificar algumas situações tóxicas para a saúde mental dos pós-graduandos, que se relacionam a algumas questões sociais mais amplas, que sinalizam a necessidade de olhares diversificados no sentido de compreender e debater os possíveis caminhos que a ciência pode percorrer para ir de encontro às mudanças cotidianas que desafiam os padrões vigentes nas universidades, e na sociedade.

Notas

¹ Esta pesquisa representa um recorte do estudo mais amplo que está sendo realizado para a dissertação de mestrado do Programa de Sociologia e Ciência Política – PPGSP, UFSC.

² O Qualis é um sistema que classifica a produção científica dos programas de pós-graduação brasileiros, no que diz respeito aos artigos publicados em diversos periódicos, revistas, anais e livros científicos, englobando todas as áreas do conhecimento.

Referências

Arendt, H. A condição humana. Rio de Janeiro: Ed Forense Universitária, 2010. Bardin, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

Bernardo, M. H. Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes. *Psicologia & Sociedade*, v. 26 (n. spe.), 2014, p. 129-139



Bianchetti, L.; Valle, I., R. Produtivismo acadêmico e decorrências às condições de vida/trabalho de pesquisadores brasileiros e europeus. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v.22, n. 82, jan./mar. 2014, p. 89-110.

Boltanski, Luc; Chiapello, Éve. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

Bourdieu, P. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: editora UNESP, 2004.

Camargo JR., Keneth R. de. Ao vencedor, as batatas? *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, n. 25 [1]: p. 9-12, 2015

Campus Virtual Fiocruz. Avaliação da pós-graduação em saúde coletiva: que caminho seguir? Publicado em 01/08/2018. Disponível em:

<<https://campusvirtual.fiocruz.br/portal/?q=noticia/34332>>. Acesso em 05/09/2018. Crary, Jonathan. *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

Dejours, Christophe. *A loucura do trabalho*. São Paulo: Editora Cortez, 1987.

Eu-Osha - Agência Europeia para a Segurança e Saúde no Trabalho. *Cálculo do custo do estresse e dos riscos psicossociais relacionados com o trabalho – uma revisão bibliográfica*. Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia, 2014.

Harvey, D. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.

Honneth, Axel. *Reificação: um estudo de teoria do reconhecimento*. São Paulo: editora UNESP, 2018.

Linhart, Danièle. La emergencia de una “precariedad subjetiva” en los asalariados estables. In: Tejerina, B; Cavia, B; Fortino, S; Calderón, J.A.

(editores) *Crisis y Precariedad Vital. Trabajo, prácticas sociales y modos de vida en Francia y España*. Valencia: Ed. Tirant lo Blanch, 2013. pp.67-84.

Louzada, Rita de Cássia R. *Formação do pesquisador, trabalho científico e saúde mental*. 2005. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde). Programa de Pós-graduação em Psiquiatria e Saúde Mental do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

Malagris, Lúcia E.N.; Suassuna, Ana Teresa R., *et al*. Níveis de estresse e características sociobiográficas de alunos de pós-graduação. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, abr. 2009, p. 184-203.

OIT- Organización Internacional del Trabajo. *Trabajar para un futuro más prometedor – Comisión Mundial sobre el Futuro del Trabajo*. OIT: Ginebra, 2019. Disponível em:

<https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---cabinet/documents/publication/wcms_662442.pdf>. Acesso em: 03 de novembro de 2019.



Patrus R.; Shigaki, H.B.; Dantas, D.C. Quem não conhece seu passado está condenado a repeti-lo: distorções da avaliação da pós-graduação no Brasil à luz da história da Capes. Cad. EBAPE.BR, v. 16, no 4, Rio de Janeiro, out/dez 2018, p.642-656.

Rosenfield, Cinara L. Trabalho decente e precarização. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v 23, n. 1, jun. 2011, pp 247-268.

Safatle, V.P. O círculo dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo: Cosac&Naify, 2015.

Sennett, R. A corrosão do caráter. Rio de Janeiro: Record, 1999

Soares, Ingrid. Desemprego entre mestres e doutores no Brasil chega a 25%

Estado de Minas. Belo Horizonte, 2019. Disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2019/03/10/internas_economia,1036705/desemprego-entre-mestres-e-doutores-no-brasil-chega-a-25.shtml>. Acesso em 20 de março de 2019.

Thompson, E. P. Costumes em comum. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Vogel, M. J. M. Avaliação da Pós-Graduação Brasileira: Análise dos quesitos utilizados pela CAPES e das críticas da comunidade acadêmica. 2015. 173 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Zuin, A., A., S.; Bianchetti, L. O produtivismo na era do “publique, apareça ou pereça”: um equilíbrio difícil e necessário. Cadernos de Pesquisa, v.45, n.158, out./dez. 2015, p.726-750.